

A AMERICA

ASSIGNATURAS | PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFICA, LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA | ASSIGNATURAS
CÓRTE | ADMINISTRADOR — FILINTO D'ALMEIDA | PROVINCIAS
Anno... 6\$000 | ADMINISTRADOR | Anno... 7\$000

Anno I | Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1879 | Num. 5

A AMERICA

Rio, 20 de Dezembro de 1879

A LEI DE 28 DE SETEMBRO DE 1871

III

Hoje comprehendemos o duplo e perigoso alcance da declaração feita do alto da tribuna parlamentar pelo ministro da agricultura, o Sr. Sinimbu, relativamente á emancipação dos captivos.

Disse S. Ex. que sobre esta materia o actual governo não adiantaria mais um passo.

O que todos entenderam desta declaração, foi o que manifestamente resalta de seus termos: — que o governo nada proporia, nem aceitaria proposta alguma na intenção de accelerar a liberdade dos escravos, limitando-se, portanto, á lei de 28 de Setembro.

Attenta, porém, a proposital inercia do governo em face desta lei, como se vê com o que diz respeito aos ingenuos, somos forçados a concluir que a declaração do Sr. ministro da agricultura no parlamento tem um sentido occulto que ora se revela.

Para que fiquem de acordo as palavras com os actos do governo, a declaração do Sr. ministro deve ser interpretada do seguinte modo. S. Ex. o que quiz dizer foi que, sobre a emancipação, não só não daria mais um passo, como também um passo não daria mais a lei de 28 de Setembro en'ella o governo punha um cravo.

A ninguém mais será hoje licito duvidar que a mencionada lei está effectivamente encravada. Para que qualquer disto se persuada basta lembrar-se que é ministro da agricultura e presidente do conselho o Sr. Sinimbu, cidadão cujo espirito é mais conservador que liberal, mais retro-

grado que adiantado, advogado da grande propriedade agricola e apaixonadissimo pela colonisação chinesa; que é ministro dos estrangeiros o Sr. Moreira de Barros, deputado escravocrata, que invoca a pena de morte para os escravos; que foi á ponce elevado a conselheiro de Estado e assim do governo, porque é deputado governista, o Sr. Martin Francisco, advogado dos mesmos principios de seu collega o Sr. M. de Barros e que como este igualmente invoca para os escravos a pena de morte; que finalmente o actual governo não possui nenhum ministro de mais adiantados principios, constituindo todos elles na pratica a antithese da liberdade.

Demonstra-se, pois, que relativamente á emancipação do elemento servil por parte da administração publica, não se estaciona unicamente, recua-se; porquanto, se o que determina a lei de 28 de Setembro sobre os filhos livres de mulher escrava não tem execução, nem o governo, apesar de interpellado pela imprensa, dá sobre o assumpto o menor esclarecimento, deixando o caso á revelia; o que a mesma lei prescreve no art. 3.º sobre a libertação annual de escravos pelo fundo de emancipação em todas as provincias do Imperio, não tem tido também exacto cumprimento, e é possível que d'ora em diante nenhum absolutamente se lhe dê.

A lei, já o dissemos, facultando aos proprietarios preferirem usufruir os serviços dos filhos de suas escravas até aos 21 annos, a entregal-os ao governo na idade de 8, recebendo como indemnisação um titulo de renda de 600\$000, não impoz-lhes obrigação nenhuma de educal-os, e se alguns senhores ha que apesar disso lhes queiram dar educação, mandando-os ensinar a ler e escrever, é isso um acto de generosidade de todo espontaneo.

Segundo parece, porém, essa generosidade não

é do agrado do governo liberal deste paiz, porque nas escolas publicas se é valiosa a doutrina da Directora da instrucção publica do Rio de Janeiro, publicada no *Diário Official*, não serão admitidos á matricula os ingenuos, salvo se os senhores de suas mães tiverem previamente declarado que desistem de tal e qualquer direito sobre elles — porquanto só de então não serão elles escravos.

Então declarantes livres de condição!

Esta lei é altamente contraditória, contraditórias serão forçosamente todas as suas consequências — até a de não ter execução!

De modo tanto mais eloquente e positivo quanto contraditório, patenteiam-se os exemplos de taes incoherencias.

O que agora acontece com relação á lei de 28 de Setembro é um facto muito grave. É offensiva dos direitos naturaes de milhares de individuos, direitos que a referida lei quiz restituir, embora conditionalmente.

Em presença do semelhante facto devemos todos chamar pelas liberdades publicas e pôrmo-nos em guarda para defeza de nossa liberdade individual.

Hoje são as mais serias disposições do § 1º do art. 1º da lei de 28 de Setembro que deixam de ter execução e as do art. 3º da mesma lei que não são fiel e precisamente cumpridas: amanhã, a letra da lei da reforma judiciaria, pela qual ninguém poderá ser preso sem ser flagrante delicto, deixará também de ser executada, e os agentes do poder nos metterão a todo o instante na cadeia.

O emprego do fundo de emancipação tem sido retardado, não sómente, como em seu ultimo relatório diz o Sr. ministro da agricultura, em virtude do impedito methodo de classificação que vigorou até o fim de 1876, mas também e muito notavelmente pela desidia do governo e dos seus agentes encarregados desse serviço.

Basta que se observe, para reconhecer-se a demasiada lentidão com que tal serviço tem marchado, quanto é pequeno o numero de 4383 escravos que, segundo o mesmo relatório, tem sido manumittidos pelo referido fundo. Repare-se mais que a quota que nessa data se applicava á libertação, era ainda a primeira e unica distribuida, depois da promulgação da lei, pelo aviso de 29 de Março de 1875 e em seguida accrescentada, montando a 3.625:760\$840 rs. Além disso, attenda-se que desta quota ainda restava a

applicar a somma de 586.223\$331 rs, e que da rescisão arrecada com destino ao fundo de emancipação, havia disponível a quantia de 4.142.115\$483 rs, da qual o Sr ministro da agricultura não procedia ainda a nova distribuição, porque esperava, e ainda espera certamente, não só que se concluisse o emprego da primeira, como aguardava as informações que exigia, relativas ao movimento da população escrava até o fim de 1878.

Pela habitual negligência com que é feito o trabalho official e as autoridades e agentes subalternos attentam ás requisições do governo, é facil imaginar quando será possível que outros escravos obtenham a liberdade de que já deviam estar gozando, se o governo fôr mais zeloso na execução da lei de 28 de Setembro.

Que o não tem sido, que com demasiada morosidade e pouca exactidão se ha executado esta parte da lei, attesta o quanto temos exposto e se verifica ainda dos relatórios do respectivo ministerio.

Entretanto, os intuitos da lei tem encontrado com poucas excepções a melhor vontade dos proprietarios de escravos e de toda a população do paiz.

E a melhor prova de que o animo publico se acha o mais disposto possível á abolição do elemento servil, é o grande numero de escravos libertados não só a título oneroso como gratuitamente.

Só o governo não se vê animado de tão bellas e generosas disposições. Para o fundo de emancipação nada fez accesser no actual orçamento do imperio. A taxa dos escravos foi elevada ao dobro; mas o excessu sobre a taxa antiga não é applicado áquelle fundo, fará parte da receita geral. Para educação dos ingenuos, o orçamento destina o que já estava determinado nos anteriores orçamentos (domínio conservador).

Contando que muito poucos serão os proprietarios que optem pelo titulo de renda de 600\$000, o governo não se incommoda com os ingenuos do mesmo modo porque se preoccupa pouco com uma mais prompta distribuição do fundo emancipador e sua activa e fiel applicação.

Mas os escravos veem assim retardado o dia de sua liberdade e os seus filhos livres continuarão sob o regimen do captivo, porque a lei de 28 de Setembro não é o que devera ser; não é uma lei completa e harmonica; não escreveu a regeneração de uma raça victimada pela maior das

degradação; não representa as aspirações civildoradas de um povo que vai muito além das precepções da dita lei.

A elevada ambição desse povo é ver quanto antes do fim da pátria desaparecer essa pustula hedionda que infecta todo o organismo social — a escravidão.

Seja ela quanto antes aboada é também o nosso desejo mais ardente.

PARISINA

por F. A. DE CARVALHO JUNIOR

(Vide o n. 4)

A *Parisina* seguem-se as *Hesperides*, tão pequena quanto formosa colecção de sonetos humildes e simples, duma inteira correção artística e perfeitamente modernos. No seu género, estes sonetos são das melhores que temos visto de auctores nacionaes.

O auctor abre este capitulo por uma profissão de fé:

« Odeio as virgens pallidas, albas oticas,
Belezas de missal que o romantismo
Hydropico apregoa em pegs golicas;
Escriptas nuns accessos de hystericismo. »

« Sophismas de mulher, illusões opticas,
Rachaticos abortos do lyrisimo,
Sonhos de carne, compleções et oticas,
Desfazem-se perante o realismo. »

« Não servem-me essas vagas e leaes
Da fina transparência dos christes,
Almas de santa e corpo de anjo. »

« Prefiro a exuberancia dos coadunios
As bellezas da forma, sem adornos,
A saude, a materia, a vida emfira. »

Este soneto dá-nos perfeita idea de todos os outros: a profissão de fé foi religiosamente observada. Nos tons caudentes dos seus versos imprime o poeta toda a sensualidade de um temperamento tropical. Ha uma extrema volupia enervante, a fluellar á toa de cada idea. Diz-se, em cada verso, com a mais rude franqueza, a scena-dionituarria do amor livre, tyranno, aphrodisiaco, que salta por cima do pudor social para ir beijar os labios humidos da mulher que se lhe entrega sem resistencia e sem medo.

Não faltará quem qualifique de immoraes e lies vede a entrada no santuario augusto da familia. Ninguém, entretanto, deixará de os admirar como pegs artisticas de subido valor.

O realismo não é o materialismo. A completa materialidade na poesia produz aquillo. Convimos que se cante a devassidão e a dissolução social para as combater, como na *Monte de d. João*; simplesmente para as descrever, fa-

zendo o poeta a expiação de seus gostos sensuaes, não pode estar o principio levantado nos ideaes da nova geração, que é um phantasma do combatentes extremos a si criticar-se pela justiça e pelo bem, resumo resplandecente da perfectibilidade humana.

A's *Hesperides* segue-se uma collecção de folhetins, escriptos, diz o Sr. Barreiros, enquanto se compaginava o periodico ou revista para que tinham de servir. São pequenas pegs que têm comento e valor do esboço, seguidas, porém, de alguns artigos de boa critica sensata, occupando o primeiro lugar o que trata do romance, sua historia, seu desenvolvimento; e, finalmente, as modernas tendencias d'este vasto genero de literatura.

Fechar o livro nos brilhantes artigos de indole politica, muito bem escriptos, empenhando-se o auctor no combate pelas ideas republicanas, apanagio dos modernos espirites; hui incruenta mas formidavel do presente contra o passado, pela honrada e grandiosa, travada á grande luz da historia, nos seus exemplares e nas suas conclusões, pela evolução fatal do progresso moderno, que se avoluma dia a dia, até que chegue a escurar o sol ficticio que brilha no apatato doitado dos thronos, já vacillantes e que não de cair minados pela idea que não para!

O que pensamos do livro de Carvalho Junior, ali fica dito francamente. Poderão negar-nos competencia, mas não poderão negar-nos sinceridade.

Sentimos não poder prestar inteira homenagem ao brilhante talento que se finou entre as lagrimas dos amigos e as consternações da familia. Não chegou a manifestar-se completamente, e, estamos certos, se fosse vivo não publicaria a *Parisina*.

Todavia quem emprehender essa publicação merecerá nossos applausos e os do publico, porque presta um bom serviço á litteratura e ao quiz, colleccionado os trabalhos do moço poeta.

F. D'A.

A MOEDA E SEUS DERIVADOS

GOLPE DE VISTA GERAL E HISTORICO

Discurso d'abertura do curso do Bannomiu politico no Collegio de França

por MICHEL CHEVALIER

III

Depois de tentativas e hesitações que vos farei conhecer, a mercaderia investida d'esta funcção do moeda encontrou-se em todas as partes da terra, por uma especie de suffragio universal, um ou outro dos dois metaes qualificados de preciosos, o ouro e a prata, e muitas vezes mesmo um e outro simultaneamente. N'este ultimo caso, ellas eram contadas seguindo proporções muito diferentes, que ainda assim tem variado no andar do tempo, porque não ha nem pode haver relação alguma fixa entre o valor do

ouro e da prata, da mesma forma que entre aquelle de ferro e de cobre.

Estas duas mercadorias, o ouro e a prata, têm sido definitivamente a adhesão de todos os povos para serem como intermediarias, porque ellas preenchem condições difficilissimas de reunir, como tem o lugar de vol-o expor detalhadamente. Hoje cinto-me a mencionar-vos as principaes, que são: serem inalteraveis, conterem sob diminuto peso um grande valor, e por consequencia ser facil mudal-as de um para outro lado e guardal-as em lugar seguro, não serem sujeitas a repentinas e persistentes variações de valor, e finalmente ser facil distinguil-as d'outra qualquer substancia. Se, pois, o ouro e a prata têm obtido uma grande voga, esta está justificada. Procuradas com interesse, ja pela sua belleza e brilho, ellas tem-no sido ainda mais pela função monetaria de que estavam revestidas.

Mas, como faz parte da nossa natureza ser-mos promptos em illudir-nos, por effeito da nossa ignorancia que nos abusa, ou das nossas paixões que procuramos satisfazer, e que os homens não têm deixado de crear-se estranhas e deploraveis a respeito, quer seja do merecimento proprio d'estes dois metaes, ou seja dos meios de leval-os legitimamente. Uma parte do curso que vos farei este anno será consagrada a fazer-vos conhecer as fallazes opiniões dictadas pela presumpção e pela envidia, que se tem espalhado entre as nações a respeito d'estes dois metaes. Vedeis que estes erros e enganos, decem origem a systemas de legislação, uns abusados, outros tyrannicos, alguns offerecendo ao mesmo tempo estes dois tristes caracteres. Reconhecereis mesmo que d'ahi se originaram ataques systematicos e profundos á propriedade, e o que ainda é peor, attentado contra a humanidade.

Consistiam principalmente estas aberrações em supôr que o ouro e a prata constituíam não só a medida e o equivalente, mas tambem a propria substancia da riqueza da sociedade, em quanto que é unicamente uma das formas infinitamente variadas sob as quaes ella se apresenta. Lembrais-vos de certo da innumeravel diversidade d'objectos que figuraram na exposição universal de Paris. Era o infinito. Pois bem, cada um d'esses objectos era a riqueza, da mesma forma que a prata e o ouro. Tudo isso estava em relação com qualquer das innumeraveis necessidades da vida civilisada.

Tudo isso podia converter-se n'uma certa quantidade de ouro ou de prata, e reciprocamente um kilograma de ouro ou de prata podia trocar-se contra uma quantidade maior ou menor de cada uma d'essas cousas.

Uma vez admittido como principio o sophisma que o ouro e a prata são a propria riqueza, concluiu-se que como razão d'Estado era forçoso augmentar por todos os meios possiveis a proporção d'estes dois metaes que exis-

tiam em cada reino. D'essa conclusão resultaram leis vexatorias, inquisitorias, espoliadoras, acompanhadas de penalidades de fazer tremer. Nos paizes que possuíam colonias onde a natureza offerecia minas de ouro ou de prata, foi motivo tambem para violencias desenfreadas contra os indigenas d'essas possessões, com o fim de obrigal-os a consagrar sua vida á extracção do ouro ou da prata.

Precisamente por causa da importancia prodigiosa, que se attribua a estes metaes, os homens praticaram fraudes as mais impudentes para se enganarem mutuamente sobre as quantidades que entregavam. D'ahi proveio, a industria criminal, e praticada entretanto em tão larga escala, da moeda falsa, da qual aquella da cerceação era o diminutivo. Custa-me bastante pela honra da realza, que não é minha intenção diffamar; mas, é preciso dizel-o, a historia mostra que, nas monarchias europeas, fundadas sobre as ruínas do imperio romano e que hoje estão de pé, os maiores moedeiros falsos, aquelles que trabalharam em mais vastas proporções, foram os reis. Investidos do poder legislativo pelo direito publico ou por usurpação sobre as franquias dos povos, elles exploraram-nos de maneira a estabelecer uma pretendida maxima de governo, n'uma supposta prerogativa legitima da corôa, a falsificação das moedas a qual elles se abandonavam com furor, e esta doutrina triumphou. Não ha na Europa uma monarchia onde um certo numero de principes não tenham sido moedeiros falsos.

A França é desgraçadamente um dos Estados que, n'este genero tão pouco invejavel, poderia disputar-se a palma. A quantidade da prata contida no livro de Carlos Magno, estava redossida, em 1780, pela subtracção successiva do metal fino, a oitenta e sete partes de seu peso, quando rebeaton a Revolução franceza!

Para o bom credito da nossa nação não é senão justo ajuntar que, se houve sophismas que a Revolução franceza tratou de reduzir a pó, foram aquelles sobre os quaes estava fundada a detestavel doutrina sobre as moedas que officialmente estavam em vigor sob o antigo regimen.

A Revolução franceza deu origem entre nós a uma theoria das moedas que, afinal, não era senão um retrocesso áquella dos tempos primitivos, a reprodução da que foi praticada entre os gregos e os Romanos, á imitação d'aquella que os chins nunca cessaram de seguir.

Teria logar de vos expor detalhadamente, discutindo convosco as formulas pelas quaes ella se converteu em leis entre nós, e examinando até que ponto seria possivel aperfeçoal-as ainda.

Existe mesmo uma razão para que eu insista sobre este ponto. É que a estúpida e culpavel doutrina do antigo regimen a respeito das moedas não está de tal forma vencida e desacreditada que não haja ainda jurisconsultos

dispostos a sustentá-la como se ella tivesse ficado intacta nos nossos codigos. Não ha ainda quinze annos que não sei que ministro fez inserir no *Monitor* um aviso tendo por fim applicar um edicto do antigo regimen sobre a moeda, que era um dos mais despoticos e mais dignos de reprobção pelas penas que impunha. Seria o caso de exclamar: *progresso*, tu não és mais do que um nome vão! Devo, porém, acrescentar que esta tentativa retragente não foi bem succedida com os homens esclaracidos, e que o próprio governo não lhe deu seguimento. A ameaça consignada no *Monitor* ficou sem effeito.

N'outro tempo, estas extravagancias gozavam de um credito illimitado em todas as ordens e classes sociais. As melhores intelligencias, os ministros mais reconhecidos pela sua sabedoria, pela sua prudencia, e profundo conhecimento de todas as materias que diziam respeito ao governo e a' administração, partilhavam sem hesitar, com uma profunda convicção, o erro que fazia considerar o ouro e a prata como constituindo a propria substancia da riqueza dos povos, d'onde se concluiu naturalmente que era forçoso attrahir todo o custo estes dois metaes no recinto das fronteiras, e, uma vez que alli estivessem, retê-los por qualquer modo. Paraciu sôr um artigo de fé.

(Continúa)

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

por CH. LEBRONNIER

(Continuação)

IV

O que acima dissemos mostra que a constituição da sociedade ideal não seria possível sem que cada um de seus membros obedecesse á lei moral; é preciso, pois, collocar na ordem das utopias a constituição pratica e immediata de uma tal sociedade; ora, ou a unica condição, sob a qual ella é possível, seria preenchida, isto é, a obediência de todos á lei moral, — e então esta sociedade não seria mais ideal, ella existiria por isto só; — ou far-se-ia por estabelecer-a, apesar da opposição de alguns, pelos esforços da violencia ou simplesmente pela autoridade, que, destruindo o próprio principio da sociedade, impediria que ella fosse estabelecida.

Resta-nos, pois, tendo diante de nós, como exemplar e typo, a concepção desta sociedade, tratar de ir pouco a pouco transformando esta sociedade de facto em esta sociedade ideal.

Aqui, a vossa comissão, sem pretender esgotar a enumeração completa dos meios praticos, pelos quaes pôde-se o deve-se desde hoje preparar e fazer a transformação, colloca sob tres pontos geraes os meios de reforma:

- 1.º *Medidas restrictivas da accumulção excessiva da riqueza em algumas mãos;*
- 2.º *Medidas assegurando a liberdade politica e economica;*
- 3.º *Medidas organicas e positivas assegurando a cada um e a cada uma o desenvolvimento completo de todas as suas faculdades pessoais, physicas, intellectuaes e moraes.*

V

1.º MEDIDAS RESTRICTIVAS DA ACCUMULAÇÃO EXCESSIVA DA RIQUEZA EM ALGUMAS MÃOS.

Duas medidas principais podem ser dadas como exemplo:

A primeira é a lei votada, ha dois annos, pelo parlamento inglez, a qual põe o credito do estado ao serviço dos locatarios irlandezes, para lhes assegurar a facilidade de tornarem-se, pelo pagamento de um certo numero de annuidades, proprietarios da terra que cultivam. Dando este exemplo, supponhamos que a lei não obriga o proprietario a vender, e que a intervenção do Estado se limita a facilitar, por um adiantamento de fundos ou de credito, uma transacção toda voluntaria e livre.

A segunda medida seria pôr em vigor um imposto progressivo applicado, menos como contribuição destinada a supprir as despesas sociais, do que como freio á accumulção excessiva da riqueza.

E' facil estabelecer o imposto progressivo segundo uma formula, escolhida de tal sorte que não traga nenhum embaraço serio á formação dos capitães; isto é um simples trabalho de calculo, e, podemos dizê-lo de passagem, a má reputação deste imposto resulta sobretudo da ignorancia e leviandade daquelles que têm tentado applical-o.

Pôde-se, todavia, dirigir a esta medida duas censuras: sua pouca efficacia se se tocar apenas a um limite bastante alto que não prejudique á capitalisação; a facilidade com a qual os grandes capitalistas poderão sempre evital-a, pondo no estrangeiro, isto é, fóra da federação, a parte de sua fortuna que poderia ser attingida.

Porém ainda, entre as medidas destinadas a diminuir a desharmonia que tende perpetuamente a apparecer entre a extrema riqueza e a extrema indigencia: primeiramente, de um modo geral, a suppressão nas leis e regulamentos de toda a disposição constituindo um privilegio ou uma preponderancia em favor ou contra o trabalho; depois a sup-

pressão dos impostos de consumo, e o estabelecimento do imposto sobre a renda.

VI

MEDIDAS ASSEGURANDO A LIBERDADE POLITICA E ECONOMICA.

Primeiro que tudo a supressão de qualquer dynastia e o estabelecimento de um governo republicano, que garanta as liberdades seguintes:

Liberdade de pensar, de fallar, de publicar;

Liberdade de reunião;

Liberdade de consciencia, separação das Igrejas e do Estado;

Liberdade communal;

Direito de paz e de guerra subtraído ao poder executivo e restituído ao povo, para ser directamente exercido por elle;

Liberdade de contratos;

Liberdade de liga e de associação;

Liberdade de circulação e de cambio.

Seria perder tempo empregar o em demonstrar que o livre dominio e o pleno exercicio de todas estas liberdades é propria condição de todo o melhoramento social. Esta verdade é evidente para todo aquelle que procura, não no principio de autoridade, mas no principio da soberania individual o progresso politico e social. Praticamente, o suffragio universal deve ser o instrumento da reforma social, como o é da reforma politica.

Entretanto existem tres pontos sobre os quaes desejamos prender a vossa attenção por um instante.

Entre as liberdades acima enumeradas collocamos a liberdade communal. Ninguém, penso eu, contestará a justiça e a necessidade desta liberdade; não julgamos, portanto, que nos seja preciso defendel-a, mas, como o pensamento fundamental deste relatorio é fazer resenar o laço que une a moral á politica e á economia social, é-nos talvez necessario, sobretudo depois dos acontecimentos que têm-se dado em Paris, fazer notar que as liberdades communaes têm a mesma origem, a mesma força, a mesma imprescriptibilidade que as liberdades nacionaes; a Communa não se deriva da Nação, nem a Nação da Communa; o direito nacional não é superior ao direito communal e o outro são engendrados pelo direito individual, pela autonomia da pessoa. As communes são associações de individuos, as nações são associações de communes; as mesmas pessoas são ao mesmo tempo membros da communa e membros da nação.

Sobre a liberdade de liga temos apenas uma palavra a dizer: é evidente que o unico meio pratico que esteja á dis-

posição dos assalariados para exercer em presença dos proprietarios o direito de defesa, e conquistar por sua vez a propriedade, reivindicando, além da somma estritamente necessaria á manutenção de sua pessoa e á reparação de suas forças, uma parte do producto liquido, é a resistencia por meio de liga.

Que este direito seja perigoso de manejar-se, que o seu emprego seja difficil, os resultados muitas vezes desastrosos para todos, ninguém o contestará; mas, attendendo-se áliga que existe, por assim dizer, naturalmente entre os proprietarios e capitalistas contra o não proprietario, é de toda a justiça que o trabalhador possa responder por uma recusa de trabalho e por uma contra-liga.

O que é para desejar-se é que no caso de desacordo, em vez das questões serem decididas por um litigio, isto é, por uma perda de tempo e de forças, o sejam por tribunaes de arbitros escolhidos pelos patrões e pelos operarios. Mas, para que estes tribunaes sejam afamados e sobretudo para que suas decisões sejam obedecidas, é preciso que o operario esteja plenamente armado do direito de litigio e de liga. M. Nicolet, de Grenchin, publicou sobre este assumpto uma excellente brochura, em que fez homenagem á Liga e cuja leitura não nos cansaremos de recomendar.

(Continúa)

A LIBERDADE RELIGIOSA

Mas, desde o começo da discussão, dizem-nos os nossos adversarios: Não sabeis que nós pedimos ao Estado que sustente o catholicismo, unicamente porque o catholicismo é a verdadeira religião?

Este argumento não procede. Não que eu queira negar esta these; nós estamos numa assembleia, devendo respeitar todas as creanças religiosas, aquellas sobretudo que professam a maioria da nação; eu terei todo o cuidado em não esquecel-o. Conceda-vos que o catholicismo é a verdadeira religião, mas d'onde o sabeis? E' pela sentença de um juiz, pelo decreto de um ministro por uma lei das câmaras, por um rescripto do poder absoluto? Não: vós o sabeis pelo testemunho da vossa inviolavel consciencia. E se isto é verdade, qual é o vosso dever? O vosso dever é reconhecer o direito que os outros também têm. E porque não haveria uma pessoa que, na sua consciencia e razão, acreditasse precisamente o contrario do que vós acreditaes? Desenganai-vos: vós não tendes estudado a natureza das verdades religiosas, se recusaeis dizel-o, ou proclamar que as verdades religiosas não são evidentes.

Não se vê com evidencia que o Verbo seja consubstancial ao Pai eterno; não se vê que Lucifer se tenha revoltado, e tenha sido precipitado nos infernos; não se vê que o Christo deva vir julgar os vivos e os mortos; não se vêem

todas as verdades do dogma e da theologia, como se vê, por exemplo, que dei e deus fazem quanto. Não se prova que o Espirito Santo proceda do Pai e do Filho, como se prova que todos os pontos de uma circunferência são igualmente distantes do centro, que todos os raios do círculo são iguaes, e que a somma dos angulos de um triangulo equivalem a dois direitos. Não, não: um Padre disse em face das contradicções theologicas: *Credo quia absurdum*. Da mesma forma, um grande theologo protestante escreveu um dos livros mais profundos e mais christãos d'esto século, para demonstrar esta these: que a verdadeira religião não é evidente.

No sanctuario da familia, quando as mães vos acostumam diariamente ás praticas religiosas, quando fazeis as vossas contas, vos contemplais mysticos, dolorosos ou triumphantes, conforme os dias da semana, mas mysterios sempre insolvaveis á razão humana, nuncievos a qual quer criterio que não seja o da fé. Tendeis, diz-se, e com verdade, que para crer a verdade não é bastante. Se o credulo não cre, não é por falta de querer, mas ele não pôde. Aquelle que abandonou a fé dos seus primeiros annos, que entra trinta cathedra como polemico, numa academia ou em um muséo, aquelle que já não vê a auréola sagrada cingindo as fronteiras onde outrora hultava a inspiração, esse tem o direito de dizer a os seus adherentes as palavras que o Christo dizia sobre a cruz: «*Tepeui, porque me abandonaste?*» O criterio da religião é mais do que o instinto, mais do que o sentimento, mais do que a imaginação encantadora, mais do que a intelligencia, mais do que a razão, do que o proprio julgamento; é essa faculdade sobrenatural de que fallava S. Boaventura na vida de S. Francisco d'Assis, e que Schelling chamava a *intuição intellectual*, dada por Deus aos eleitos da graça, e os predestinados da gloria. E porque, senhores, se tal é o vosso desejo de propaganda, que eu comprehendo (porque todos têm o direito de propagar-se), que eu respeito (porque o respeito é devido ás creanças sinceras), persuadi, convencei, tocai o coração dos incredulos como Jesus fez com S. Paulo no caminho de Damasco, orai por elles todos os dias, enviá um pulito em cada beco para persuadi as a convertel-as; mas não invoqueis o reatério de uma commissão, a autoridade de um governo, as leis de um Estado; não reclameis o soccorro do policia; o que a religião pede, é o apoio dos apostolos e dos martyres.

Da mesma forma, as ideas religiosas são como as ideas moraes: as ideas religiosas, senhores, recommendem-se pelos seus motores internos. Por exemplo, eu estou agora de boa fé querendo persuadir ao meu exlegasce. Pidal que en tenha razão e que elle a não tem; se eu o faço por amor da verdade, por direito de justiça, faço bem; mas se, pelo contrario, o fizesse para ostentar o meu saber, por vaidade de orador, por interesse, ah! isso seria um acto indigno da consciencia humana e das bençãos de Deus.

Pois é absolutamente o mesmo com as ideas religiosas. Aquelle que vai á missa para não perder o seu lugar, aquelle que vai á confissão para ficar na sua cadeira, aquelle que communga pensando a s heresias de Lutero ou no systema de Krause, esse poderia enganar os homens, mas elle não enganaria a Deus que vê até ao fundo da consciencia humana.

Isto é tão verdade, senhores depaados, que eu vou mostrar-vos de frente as duas intolerancias, a intolerancia catholica e a intolerancia protestante, afim de vos fazer comprehendier a sua falta de força respectiva.

Nunca houve monarchia mais poderosa do que Felipe II; as suas possesões pareciam infinitas e sem limites; o seu sceptro podia-se denominar o eixo sobre o qual gy-rava a terra, entretanto aconteceu que este grande rei teve de fazer frente a um povo fraco, pequeno, sustido unicamente pela sua fé e a sua consciencia. E esse povo forçou a repellar as massas para conquistar uma patria, sobre um solo movedico, batido pela tempestade e pela borrasca, esse povo arrancou ao colosso a mais sagrada das propriedades; a propriedade da sua consciencia. — Vede agora a intolerancia protestante. A seta evangelica dos puritanos tem apenas nascido que Maria Tudor se irrita contra elles, enviando-os aos milhares para Genebra onde cresce a taiz da nova fé; a orgulhosa Isabel também os persegue, mandando um grande numero para Amsterdã e o pedante Jacques I, depois de os ter atormentado com os seus sophismas em Hamptoncourt, lança sobre elles a sua cavallaria, e os persegue até Leyde. E osse fiéis christãos, austeros como os prophetas biblicos á margem do rio estrangeiro, ardentes como os apostolos ao sahir da ceia, o Espirito Santo sobre a fronte, para ir pregar o Evangelho, sublimes como os martyres escapados á tortura, que mostravam com orgulho as cicatrizes da lucta; eis-os que se emborcão confiando-se ás vagas, eis que elles arrestam as tempestades do Oceano, da mesma forma que tinham arrostado furar da tyrannia; elles chegam ás costas da Nova-Inglaterra, na bahia do Naxo Plymouth, á procura de uma terra tão pura, tão proxima de Deus como as suas proprias almas; e alli, entre a dupla immensidade do deserto edomar, elles fundam a liberdade, a igualdade e a fraternidade democraticas; principios tomados e adoptar mais tarde por esse grande homem de bem chamado Franklin, a mão do qual arrastou, não o sceptro aos reis, mas o raio aos deuses; principios levados á velha Europa, em seguida, da velha Europa, sobre as azas da tempestade revolucionaria, disseminados a travéz do mundo, até ao dia em que elles fundaram a liberdade, a democracia e a Republica sobre o continente americano. — Vos mesmos vdes, senhores, a influencia da intolerancia catholica no tempo de Philippe II, a influencia da intolerancia protestante no tempo de Isabel e Jacques I de Inglaterra.

(Continúa)

A IGREJA E A INSTRUÇÃO

II

Escolas

Era em 527— outros dizem em 531.— Um grande numero de bispos reunia-se em Toledo.

As familias estimando o estado ecclesiastico de preferencia a qualquer outro, votavam-lhe seus filhinhos desde que nasciam.

Desde logo, e provisoriamente, estas creanças pertenciam á Igreja que, preocupada dos interesses de seus pupilos como tambem dos interesses da religião, applicavam-se a tornal-os homens instruidos e dignos de Deos.

Entretanto, para estes discipulos privilegiados, nem todas as dioceses possuíam instituições especiaes. Os concilios trataram de augmentar o numero, e o segundo synodo de Toledo decidia que tão depressa tivesse, segundo a sua idade, recebido a tonsura ou fossem admittidos como leitor es, estes meninos seriam collocados n'uma habitação dependente da cathedral e que seriam educados sob as vistas do proprio bispo.

Todavia, apesar do voto que lhes entregava, apesar do vigilante cuidado que elle teve em instrui-los, a Igreja não considerava estes mancebos como pertencendo-lhe de uma maneira definitiva, senão quando elles voluntariamente se consagravam ao seu serviço.

Aos vinte annos elles podiam ser sub-diaconos. Antes, porém, de lhes ser conferido este grão; o bispo enterroga-va-os sobre a sua vocação; e se, ao sardocio elles preferiam o casamento, a Igreja, sem difficuldade alguma entregava á sociedade civil estes homens que ella tinha instruido e formado para o altar.

Foi assim que, antes de tudo, alguns seculares aproveitaram-se de uma instrução religiosa toda especial e muito esmerada.

Diferente modo de instrução existia na Italia e em certas provincias. Em 529, o segundo synodo de Vaison quiz estabelecer o costume na diocese de Arles. Elle exigia que todos os padres das parochias tomassem para suas casas os moços leitores, afim de os instruir no « canto dos psalmos, nas lições da Igreja e na lei do senhor »... Mas sef mais tarde, esses leitores quizessem casar-se, « não se lhes impediria defazel-o ».

Esta medida collocava a sciencia ecclesiastica ao alcance de todos, e permittia de recorrer a ella mesmo longe dos bispados.

Entretanto a Igreja ainda ia fazer mais. Augmentando o numero dos alumnos, ella multiplicou os centros de instrução, ampliou o seu dominio, e facilitou o accesso.

Em 529, o frade S. Benedicto tinha creado uma abbadia no reino de Napoles. Esta abbadia do Mont-Cassin devia ser eternamente celebre. Partindo d'este convento, os

Benedictinos espalharam-se pela Europa; e ensinando a todos a sciencia que possuíam, formaram discipulos dignos da tiara.

No VIII seculo, as escolas diocesanas, especie de seminarios, não eram já reservadas exclusivamente aos filhos votados ao estado ecclesiastico. O synodo que teve logar em Neuching em 772, limitou-se a prescrever aos bispos que organisassem na cidade onde residissem « uma escola que elles confiariam a um professor sabio. »

Desde essa epocha, porém, o poder religioso, cuja influencia augmentava e, cada dia, mais se firmava, operou com uma força maior e mais activa.

Elle alargou a esphera do ensino, e, em 782, tornou em Alix-la-Chapelle a seguinte resolução :

« Devem-se edificar escolas para os rapazes; — em todos os conventos e em todas as igrejas episcopaes, ensinar-se-hão os psalmos, as notas, o canto, o calculo e a grammatica. Ler-se-hão os livros catholicos cuidadosamente corregidos. »

O poder civil unio-se ao poder religioso. Os seus esforços communs produziram um conjunto de decretos que foram como a origem de todas as nossas leis.

Estamos no seculo de Carlos Magno e as decisões synodaes tornam-se as leis da Europa. Os bispos resolvem de accordo com os enviados, os Missi do Imperador, elles têm voto no conselho e nas grandes assembleas nacionaes. Ellos criam, e fazem crear numerosas escolas; os ecclesiasticos exhortam os seculares para que alli conduzam seus filhos.

E eis que a Igreja tendo dado a todos os meios de se instruirem, exige de todos mais desvelo e mais assiduidade.

Para obter um e outro, não hesita em decretar a instrução OBRIGATORIA.

(Continua.)

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorias d'economias das fabricas e officinas.

(Vide nos. 1, 2, 3 e 4)

V

Caixas economicas escolares

Se a economia é uma virtude, se é uma acção louvavel resistir a attractivos futeis ou inconvenientes, se esta resistencia habitual constitue um exercicio salutar e fortificante para a alma, esta gymnastica moral deve fazer parte de toda a educação que não tem só por fim formar a intelligencia, mas tambem formar o character.

Se a economia, isto é, o excedente da produção sobre o consumo, o excedente da receita sobre a despesa, é o principal meio de augmentar a riqueza das nações como das particulares, pois que a humanidade teria ficado no estado primitivo se os homens tivessem sempre consumido com regra a seus meios de vida, a aprendizagem da economia deve ser ensinada ás crianças como uma das praticas essenciaes do homem civilizado.

Se a previdencia é uma condição da vida do homem, distribuindo os recursos de maneira a alimentar os dias estírios com o excedente dos dias fecundos; se a previdencia é uma condição da dignidade do homem, salvando o trabalhador de ficar dependente da esmola degradante, muitas vezes insufficiente e sempre incerta; se a previdencia colloca o homem em estado de caminhar direito e digno, e de viver da sua vida, sempre capaz de vencer sem fraquejar um máo passo, e sempre capaz de aproveitar uma boa occasião de fortuna, convém habitar as crianças a preverem, da mesma forma que as habituam a decorar, com quem exercer a sua previdencia como a sua memoria, afim de que saibam regular a sua vida: porque economisar, é regular a sua vida.

Tal é o objecto e tambem o beneficio reconhecido da instituição das *taxas economicas escolares*, que tenho definido assim:

Ensinar a economia como se deve ensinar uma virtude, fazendo-a praticar. Ensinar a economia ás crianças, mais facéis de acostumar do que os homens, e que são os melhores agentes de toda a renovação social, segundo esta sublime politica; «Deixai vir a mim as creancinhas.» Ensinar aos futuros trabalhadores, que as pequenas economias, repetidas e bem collocadas tem o seu valor e um valor consideravel; que assim uma creança de sete annos que tomasse o habito de economisar dois soldos por semana dos soldos que lhe dão nos domingos para suas golodices, achar-se-hia na sua maioridade possuidor de uma somma de cem francos; e que com um franco economisado semanalmente, por um joven aprendiz, continuando esta sabia pratica na sua vida de operario, possuiria aos vinte e oito annos, na epocha de seu casamento, uma bella somma superior a mil francos; que desse modo assegura aos trabalhadores os mais desherdados o seu bem estar e algumas vezes tambem prepara a sua fortuna; porque um soldo economisado pode ser a semente de um milhão (isto tem-se visto, antes e depois de Franklin e Laffitte), da mesma forma que um soldo

dissipado pode por fim abrir uma fenda que arruine a mais importante casa.

No interesse da riqueza nacional, o ensino da economia convém ás crianças de todas as classes da sociedade; mas é mais recommendavel ainda ás creanças pobres ou pouco afortunadas, para quem a economia será um dia o unico elemento de fortuna.—No interesse da moralidade publica, para a elevação moral dos individuos, das familias e da sociedade, o exercicio da previdencia modera a satisfação das nossas necessidades futuras tornando-nos senhores de nossos vicios; assim o homem fortifica-se contra o mal, livrando-se das más paixões e torna-se verdadeiramente homem livre.

(Continúa.)

IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

I

Crescia o mez de Outubro.

Era ao cahir da tarde de um d'esses bellos dias de céu azul, em que a natureza parece uma orquestra. O sol de-cambava lentamente, dourando a copa das arvores cobertas por novas folhas, e e os prados alcatifados de florida relva.

Reinava o silencio nos campos que se estendem ao sul de Queluz, porque o dia ia sereno, como costumam ser os dias de primavera nesta formosa terra de Minas.

Só de distancia em distancia ouvia-se o trinar dos passaros tocando seus cantos, como uma sondação á festa esplendida da creação, ou o perpassar suave da aragem que soprava a mansa e fagueira. Entretanto, quando a natureza risonha e viçosa ostentava as suas galas, eu caminhava a passos lentos, por um estreito carreiro, pelo meio dos campos desertos de que fallei.

— Onde ia?

— Não sei explicar.

Sahira de casa sem destino; levava ao hombro uma espingarda e tendo já andado mais de dous kilometros, não me havia utilizado della.

Contentava-me em distrahir a vista alongando-a preguiçosa, pelos seccos verde-negros, que erguiam-se diante de mim, a grande distancia. Atravessei um pequeno arroio trepido e garrulo, cujas aguas crystallinas corriam por entre pedrinhas vermelhas, quematisavam o leite de branca e fina areia.

Campanulas, boninas, trapoerabas, botões de ouro e outras flores silvestres, bordavam-lhe as margens verdes e víçosas.

Contemplei esse regato alguns momentos, e insensivelmente fui seguindo a margem da corrente.

Não sei o que me atraíra para aquelle fio de agua tão innocente.

E' tão fraco o nosso organismo, temos taes momentos de distração, nossa mente possui-se de pensamentos tão ignotos, que, muitas vezes, somos alheios áquillo que presenciámos!

Eu passava por uma dessas transições.

A poucos passos estava a entrada de uma floresta, pelo meio da qual se entranhava o pequeno regato. Fui caminhando e por fim achei-me no meio da mata virgem, soturna e lobrega, que desenrolava-se grimpiando a encosta de uma montanha feneira.

Tendo penetrado por uma azinhaga e me interado uns cem metros, parei sob uma especie de abobada formada por espesso folheto.

Depuz a espingarda para um lado e assentei-me sobre as folhas seccas que tapetavam o solo, encostando a cabeça ao tronco de uma arvore secular.

Assim permaneci longo tempo. O repouso era-me necessario. Aquelle lugar tinha um não sei quê de delicioso.

O sol tocando quasi em seu occaso, brilhando ainda na esphera celeste com o seu aureo diadema de esplendorosa luz tropical, enviava algumas raios, que coando por entre as folhas das arvores dava á floresta um aspecto sobrenatural e indiscriptivel. Já penetraste, leitor, n'uma mata virgem, nessa hora placida que precede a aproximação da noite, quando a tarde se despede, através dos ultimos esplendores do rei da creação?

Experimenta-o, meu caro, e ao cabo de alguns minutos te acharás possuido de sensações antes desconhecidas.

Aqui são parasitas purpurinas fluctuando pelos ramos das arvores; alli borboletas azues e brancas, que esvoaçam em seus dondejantes torneios, pensando de galho em galho, acolá é um passaro que se occulta na penumbra desferindo seu canto mavioso; além a jurity com o seu chorar sentido.

E tudo isso é bello!

Minha alma entusiasta engolfara-se em um mundo de phantasias.

Cedendo á voluptuosidade do lugar, pouco a pouco meus olhos foram se fechando e eu dormi.

II

Termina a vida real, começa a phantastica. Não esperes magnificencias de estylo, caro leitor, nem tão pouco sumptuosas descripções; tentarei dar-te ligeira idéa do que se passou, e contente ficarei se sahir um esboço, ainda mesmo incompleto.

Entretanto, se eu pudesse narrar com as suas primitivas cores o singular sonho que tive...

Mas... continuemos.

Não sei ha quanto tempo dormia, mas é facto que de subito estremeci como se fosse tocado por um corpo estranho, e voltando o rosto vi diante de mim uma mulher de uma belleza indiscriptivel.

Esfreguei os olhos destambrados e encarei-a.

Ah! leitor, faz idéa de uma belleza esculptural, da formosura mais perfeita e ainda assim será mesquinha.

Não era um anjo, porque não tinha azas; mas também não era uma simples mulher.

Seu porte era magestoso como o da Venus da Grecia, e pallida como uma visão; bella como o primeiro pensamento de amor. Os cabellos negros, sedosos e perfumados, desenrolados em passados anneis, caíam sobre as costas, como para as resguardar de qualquer olhar; a testa era marmorea, e a cabeça tão bella, que Raphael a quererá para a sua Maria, os olhos pretos franjados de longos cilios, tinham um brilho fascinador, o nariz era pequeno e delicado; a boca de coral, era um verdadeiro botão de rosa guardando a duas ordens de magnificos dentes miudos e alvos como o jaspe.

O olhar d'aquelles olhos, o sorriso d'aquelles labios, fariam a felicidade inteira de um mortal.

O collo alabastino era tão bello que rivalisaria com o da mais perfeita estatua de Canova.

Sua pallidez era como a de Laura, e o enlevo celeste como da Beatriz do Dante.

Seria uma mulher ou uma estatua?

Vestia uma alvissima tunica, que apertada na cintura, delicada e flexivel como a de uma Vespa, por um cinto de perolas, descia só até os joelhos, e deixava ver pernas de um molde que a escultura invejaria.

Seria uma filha de Isis?

Esta mulher ou antes esta virgem (pois não se lhe podia dar outro titulo), faria o encanto do poeta e o desespero do pintor.

Eu a contemplava tão enlevado, que me esquecera de levantar-me.

Ella olhava-me com uma expressão indefinida. Disseraes que o seu olhar era de compaixão.

Ao fim de alguns instantes, a virgem ergueu a mão direita, pequena e delizera como a de uma criança, e indicando-me com o dedo, disse:

— Ergue-te!

Puz-me de pé, porém cambaleava.

A virgem pegou-me na mão e ao seu contacto estremei, como se soffresse o choque de uma machina electrica.

— Caminha! acerescentou ella.

Eu caminhei.

Embragava-me com o calistia perfumado, que fugia em fluctuações dos seus vastos cabedlos: era um desses aromas tão suaves que, er io sinceramente, nunca foi aspirado por mortal algum.

Não era dia, mas também não era noite.

O céu estava recamado de fulgentes estrellas que brilhavam mais do que nas outras noites.

A lua, quasi em seu zenith, illuminava completamente a superficie da terra, não com essa luz baga e amarelenta, mas com uma luz clara e penetrante.

Parecia até que os astros sorriam.

Eu caminhava ao lado da virgem.

Andamos muito, atravessamos toda a floresta e por fim paramos á entrada de uma planicie vastissima, ao centro da qual se erguia uma pequena cidade.

A virgem largou-me a mão e avançando alguns passos com esse andar característico que Virgilio dá as divindades do Olympo, parou a pouca distancia, voltou os olhos ao céu e de subito deu um grito.

De alguns saltos achei-me junto d'ella e bradei com voz consternada:

— O que tendes?

Era a primeira vez que lhe dirigia a palavra.

A virgem voltou-se para mim, e apontando o céu, disse:

— Vês além? pois minha residencia é lá! Não sou deste mundo, porque elle é mesquinho de mais ante mim.

— Comprehando, respondi; Deos não consentiria que o mais perfeito de seus anjos, baixasse á terra para n'ella habitar!

Ella sorrio-se.

— E seu sorriso era divino.

— Mas porque gritastes?

— Porque ao fitar o espaço lembrei-me que devo immediatamente voltar a occupar o meu lugar.

— Então partis?

— Sim.

— Oh! não, ficas! b'ibucias a seus pés!

A virgem inclinou-se e me fez erguer, collocando-me com um litopito olhar.

— Socorri, disse ella, não sejas criança; desculpa-te, pois não sabes quem eu sou.

— Seis uma deo-a, e diante de vós se curvariam todas as dignidades do Olympo. Ella pareceu não me prestar attenção e continuou:

— Não quero que vós infracturais a minha passagem na terra; quero que seja prov'ator a ti que tens tudo a ganhar, pois és moço, mas para isso é necessario que me obedeças.

— Obedecerei.

Por unica resposta ella tomou-me de novo a mão, e disse:

— Caminha!

(Continúa)

VICTORIA WOODHALL

CARLA A JATYR SARIGUÉ

Meu caro Jaty Sarigué.

Apezar do proposito que tenho feito, de não discutir these algumas que exceda da acanhadissima orbita da minha instrução e da minha capacidade intellectual, não pude conservar-me impassivel ante o assumpto de que trata o ultimo folhetim da Sra. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Trata o citado folhetim de uma mulher, mas, de uma mulher que pensa, discute e derrama sobre as almas cultas o orvalho benéfico do seu talento e das suas ideias.

Maria Amalia Vaz de Carvalho trata porém este assumpto, sobre um ponto de vista, para mim falsissimo, o do ridiculo; censura com uma tal deidade que deixa transparecer o game afiado da espada assassina do sarcasmo.

Com quanto em consagração á distincta escriptora portugueza, uma admiração sincera á qual tem ella jus pelo seu pouco commum talento; não posso todavia deixar de contestar as ideias exhibidas na sua apreciação.

Victoria Woodhall é uma americana; nascida num paiz livre, onde não se conhece o preconceito egoista de privar a mulher de tudo que de grande e bello possa ella ter pelo lado intellectual, não hesitou, essa sacerdotiza da liberdade, em prodigalizar as scentellas magicas das suas ideias, que talvez irão despertar em corações impressionaveis os anhelos de liberdade que fizeram de Washington o venerando vulto, o realizador da sublime obra julgada uma utopia.

Um homem que professasse uma bella e extraordinaria ideia e a proclamasse ao mundo inteiro, seria um nobre pugnador de uma causa santa, digno por isso, de todas as ovações; de todos os praeizes voariam a saudalo os emboras pela justeza da crença da qual se erigiu paladino; mas se apparece uma mulher sectaria dos mesmos principios, dispondo igualmente de talento fecundo, de uma percepção clara, de um alma entusiastica, e de uma instrução que a colloca em esphera igual ao homem, torna-se rizivel, impossivel! não, que se reprovem; as mais das vezes, o seu

medo de pensar, mas, porque é mulher, porque tem de lutar com a pouca generosidade da critica sobre ella lançada por uma mão mimosa, que descaçando a lavo fresca e perfumada, mata a impiedosa com os dardos da ironia, as ideias que ergueriam ao capitolio talvez, mais de uma mulher. **Iber.**

Somente, no parecer de Maria Amalia, pôde arrostar o ridículo inevitável à mulher que ousa apparecer ao publico, se é formosa! Santo Deus! minha senhora. Se apenas aos favorecidos pelos encantos phisicos fosse dada a possibilidade de fazer conhecer o seu talento, nem mais esta consolação restaria aos pobres de formosura.

Para que precejas tenazmente às tuas a elevação da mulher? para que clames sem cessar contra o mau systema de educação dos nossos antepassados que reduziam as filhas, unicamente a criadas de servir, sem lhes fazer se quer aprender a ler? Para que? se a mulher que ousa apparecer ao publico como pensadora não é mais que uma coiza que faz rir?

E é uma escriptura festejada, não só no seu paiz, como, podemos affirmar, em todo o orbe civilisado, quem isto escreve!...

Cão aqui um trecho do folhetim altadido: — Não seria melhor viver recolhida no seu modesto lar, mãe de um bando infantil mimoso e louco de que ella fosse o amparo, e suprema alegria?

De acorab, se as aspirações d'essa mulher bastarem essas alegrias, se apoz esses doces trabalhos, esses cuidados cuidados ella for feliz; mas, é que ha naturezas tão liberalmente dotadas, que apoz a esposa, a mãe, o anjo do lar, pôde ainda fulgir a escriptora, a oradora, a gloria da sua patria, o orgulho de uma nacionalidade.

E talvez, quem sabe, se não é para esse bando infantil de que é ella suprema alegria, que busca com tanto afincio os celestes raios da immorttal coroa da gloria? Não seria talvez para esse esposo lastimado que ella procura entre mil espinhos algumas flores odorosas?

Egoista, navegante é o homem, que soffre na obscuridade da silencio, porque aquillo que ligou ao seu destino engrinalda-se, com os louros da victoria incremenda da intelligencia e do estudo.

O divorcio protestante, que Maria Amalia censura cereamente, é ao meu ver uma lei que deveria ser observada em todos os paizes.

Não seria melhor, aos dous esposos separarem-se não podendo viver juntos, em logar de ficarem adados fatalmente ao poste de uma lei para elles execravel? Se ao contrario se adoram, não necessitam de uma lei que lhes obste o desligamento.

Se a falta de acorab e de affetto parte do esposo, deve a mulher privar-se de amar a quem melhor a aprehe e a comprehenda? Se é a mulher quem esquece o que deve a si, a seu marido e à sociedade, liado o homem propeger de um modo que a sociedade honesta reprova, ou então partir para longas terras aonde não o esperam affagos de familia, mas a indifferença de estranhos?

Asseguro-lhe que não sei a razão porque seria abafada em risos uma eloquencia que tentasse reformar os direitos feminis. Porque razão, a mulher que soffre igualmente os dissabores que a má politica acarreta sobre a patria não poderá tentar ao menos contribuir com algumas ideias a libertar de qualquer situação impreviada em que se acha, a terra que lhe foi berço, e que alanga lhe seja tumulo?

O France! patria admiravel de Sand! tu elevas, não abates a mulher; acolhes, não aniquilas as aspirações do seu talento, porque és grande e nobre, digna irmã da livre America.

Victoria Woodhall, é a realisação da mulher ideal!

Cooperando para engrandecimento do seu paiz, ella faz-se eralada da admiração e respeito dos povos cultos, tornando-se com o seu merito e orgulho da livre terra que lhe é patria.

do-se com o seu merito e orgulho da livre terra que lhe é patria.

Eis a minha opinião sobre Victoria Woodhall.

Pensará de igual modo Jaty Sarigue?

Sou feliz em acreditar que sim.

Amiga e serva

ANDREA.

Rio, Novembro de 1879.

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

À CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

IV

Viagem a Zoutpansberg.

O principal motivo, que determinou a minha primeira viagem à caça dos elefantes, fora o deploravel estado em que se encontrava o commercio de marfim em Lourenço Marques.

Qualquer transacção d'aquelle trato tornava-se cada vez mais difficil e perigosa, por este motivo resolvi ir primeiramente à republica de Transvaal, onde se me offerecia segurança de effectuar a caçada, sem perigo do sor vexado pelos cafres do perverso Matutse, que dominava todo o interior, desde Lourenço Marques até a Zambesia. Elle entretanto, respeitava muito os holandezes, que iam ou man lavam a todos os pontos do interior à caça dos elefantes, sem receio algum de serem encomodados pelos bandos d'aquelle barbaro. Nesta viagem levei para a republica algumas mercadorias proprias para o consumo dos holandezes.

A expedição era assim composta— 120 carregadores com genaros para os holandezes— 30 com fazendas para compra de mantimentos e outras despesas— 3 chefes dos carregadores— 17 caçadores— 68 carregadores dos materiais dos caçadores— 5 da minha bagagem— 4 criados— o meu logar-tenente, um sub-lygonamente e 4 carregadores d'elles. — Total 253 pretos.

A minha bagagem compunha-se de um colchão com sua cabeceira e um cobertor— uma lata grande com assucar— outra do mesmo tamanho com bolachinhas americanas— uma condaga com roupa de uso— e uma caixa que continha uma lata com chá, outra pequena para servir o assucar, 2 chicaras e pires, 2 tambores, 1 bala de folha, 8 massas de velas de stearina e uma lata com cerca de 8 arratéis de sal.

Ponti a 3 de Setembro de 1860 e pernoitei na povoação do regulo Mabod. As terras d'este pequeno regulo são pela parte do norueste o extremo das de Mafumo. No dia 4 de Setembro reuniram-se a mim os caçadores, carregadores, e toda a comitiva. A's seis horas da tarde não faltava ninguem. Pernoitei ainda n'esta povoação.

No dia 5, pelas 5 horas e meia da manhã, largamos pausada de Mabod, e partimos em direc-

ção as terras da Moamba. As quatro da tarde chegamos à povoação do *Malinguana*, filho do *Modai* regulo grande da Moamba, onde pernottamos.

No dia 6, pelas 5 horas da manhã partimos para a povoação do *Modai*. Neste dia encetamos a marcha mais cedo, em consequência da grande distancia da povoação do regulo. Só às seis horas da tarde, após um trajecto de nove leguas aproximadamente, entramos na povoação da *Muther grande* (primeira mulher) do *Modai*.

Este regulo tem sido sempre, desde o principio do estabelecimento da feitoria em Lourenço Marques, mais ou menos inimigo dos brancos portugueses, e particularmente dos pretos das terras de *Mafungo*, que são proprietários da curia.

O fundamento da inimizade provinha de ter sido seu tributário o regulo de *Mafungo*, e ter este deixado de pagar tão-to aquelle desde que os portugueses se estabeleceram em Lourenço Marques, e dos quaes se fez sabido espontaneamente.

Em consequência dos pretos da Moamba maltrataram os de *Mafungo*, sempre que estes passavam pelas suas terras, os meus, pela sua or parte de *Mafungo*, receavam transpar a Moamba principalmente nas proximidades das povoações do regulo grande, mais frequentes que as outras.

Apenas entrei na povoação, mandei abrir uma carga, da qual tirei uma peça e uma capelana, que enviei a mulher do *Modai*, pedindo-lhe palhotas para toda a comitiva. A mulher mostrara-se agradecida pelo meu presente, e enviou-me um secretario, encarregado de indicar as palhotas que eu pedira. Dei um capelão (duas braças de fazenda) ao secretario, e em seguida mandei comprar mantimento para os pretos.

Segundo o *colmano* *reutti* um *saguale* ao regulo que residia n'outra povoação.

Constava o presente de tres capelanas, duas peças de zuarte, e uma garrafa de aguardente. O regulo veio depois visitar-me. Eram já sete horas, quando elle entrou na povoação, acompanhado dos seus secretarios e cerca de 200 pretos. Trouxe-me um sobrado cabrito e um cheirando (côsto) de arroz.

Recbi-o na palhota onde entrou elle e tres secretarios principaes. Fiz-rum-me os seus complementos, aos quaes correspondi. O seu Estado-maior ficou no largo da povoação, entretendo desde logo animado *cavaco* com os meus pretos.

Este regulo devia ter de 75 a 80 annos, mas estava perfeitamente bem conservado, e caminhava com desembaraço. Era alto e bem feito, de feições regulares, peito saliente e fôrmas um tanto hercúleas. Lamejavam-lhe no rosto uns olhos de grandeza pouco vulgar. Mostrou-me muita sympathia por ser o primeiro branco da Europa que tinha visto. Disse-me que, dos brancos de Lourenço Marques, só conhecia algum asiatico, *canarim* ou *bantane*, que iam a sua terra trocar fazendas por marfim. Retirou-se pelas 8 horas e meia. Mandei logo matar o cabrito, que repartii pelos caçadores, reservando para o meu jantar uma das pernas, que comi cozida com arroz, e de que se serviram tambem os meus crioulos.

Como estava muito fatigado da grande marcha

do dia dei-me apenas acabei de comer. Só acordei às 5 horas e meia da manhã.

Partimos às 6 e meia em direcção as terras de *Cossa*. Pelas duas da tarde chegamos a uma pequena povoação, situada junto do rio *Icomatê*, que divide as terras da Moamba das de *Cossa*. Eu e o meu logar-tenente fomos os primeiros a chegar, e sentamo-nos á sombra de uma arvore, á qual encostamos as armas.

O meu logar-tenente era tambem caçador de elephantes, e afamado. Chamava-se *Manóva*. Apesar de contar cerca de 60 annos, era agi como um rapaz de 25. Sabia muito bem fallar portuguez. Era o primeiro chefe da guerra de *Mafungo*, o homem de grande valor. Era modesto. Não fazia ostentação da sua valentia. Na guerra, o tiro expellido da sua arma, matava infallivelmente um preto, ainda a grande distancia. Possuia intelligencia, e era affazel no tracto com os brancos. Sem que eu lhe dissesse que tinha sede, foi ao rio buscar-me agua em uma cabaca, que trazia sempre amarrada á cintura. Entretanto preparei um cigarro para fumar.

Armam-se os pretos em guerra por causa de pedir fogo para accender um cigarro.

Pouco distante de uma palhota havia fogo, em volta do qual estavam sentados dois rapagões de 21 annos aproximadamente. Levantei-me empunhando o bôrdão — o mesmo que fazia conter em respeito os pretos de or entubos por aguardente, por acaso da distribuição dos materines para a caça. Avancei para um d'elles e disse-lhe: — *E' mofova angui n'ica audilo* — (o rapaz dá-me fogo). Ao ouvir estas expressões o preto levantou-se rapidamente, recuou dois passos, e retrucou de mão na ilharga: — que não era nem nunca qu'ria ser enico dos brancos, e que se eu precisava de fogo que o fosse eu mesmo buscar. — Pronunciou muito accentuadamente estas palavras, e ao seu olhar havia alguma coisa de panthera. A outra dominava por tal modo o selvagem, que os seus olhos faiscavam e pareciam ensanguentados. Não obstante as maneiras provocadoras domago, nada lhe respondi, por entender que elle estava no seu direito de não querer dar-me fogo; abaixei-me portanto, tomei um tigo, e eneguei-o ao meu cigarro. Quando, porém, acabava de acendê-lo, o preto virou-me as costas e disse-me retirando-se — *machimila* (excremento). D'esta vez abandonou-me a prudencia: em acto seguido á insolencia, arremessou-me violentamente o tigo, que foi bater-lhe nas costas com o lado do fogo. O preto, vendo a sua situação gravemente comprometida, bateu precipitadamente em retirada e fez bem.

O que ficara sentado realando que lhe tocasse alguma coisa por conta do camarada, poz-se em fuga tambem. No acto porém de se levantar, ajustou-lhe ao costado o poder executivo, que o obrigou a beijar a terra. Saou-se de gatinhas, condoune ponde, até que lançou a correr como um gamo. As poucas pessoas que se achavam na povoação, mulheres velhas e crianças fugiram tambem.

N'esta occasião vinha já a meio caminho o *Manóva* com a agua. Como observasse o inci-

dente, apressou os passos. Contei-lhe o sucedido. Elle depois de pensar um momento, respondeu-me: — Senhor, os pretos da Moamba são muito atrevidos, mormente os d'esta parte do incómodo. Os brancos que vêm aqui comprar manim são asiaticos, a quem elles não votam nenhum respeito. Fazem-lhes sempre mais ou menos desfeitas, que elles suportam com medo. O senhor é o primeiro branco namalanga (branco da Europa) que passa por estas terras. Os pretos respeitam esta qualidade de brancos; porém os da Moamba, que são excessivamente insolentes e muito inimigos dos brancos de Lourenço Marques, viram no seu pellejo do fígado um pretexto para experimentarem o modo como soffrem os vexames que elles costumam praticar aos asiaticos. Parece-me que o tal que apanhou com o tição estava agora arrependido da insolencia que lhe originou. Entretanto é provavel que tenha ido quizar-se ao regulo d'aqui; e o qual não tardará a mandar hostilmente pedir satisfação pela offensa que o senhor fez a um filho do Modai, (os regulos d'esta parte da Africa chamam filhos a todos os seus subditos.)

Eff etivamente, quando o Mandava acabava de pronunciar as ultimas palavras, ouviu-se em varias direcções o toque de gahela (trombeta de guerra dos pretos). É um pequeno chifre de cabrito, d'onde elles tiram um silvo agudissimo, que soa a grande distancia. Este toque é transmittido de uma para outra povoação, e deste modo reúnem-se, com admiravel presenca, junto do regulo, todos os pretos armados para o combate.

Decorrida meia hora após o toque da Gahela, via-se ao longe marchar sobre a povoação em que nos achavamos, cerca de 400 pretos armados de rodela e azagaia. Felizmente já tinham chegado todos os carregadores e caçadores. Se isto succedesse antes da chegada dos pretos, os carregadores teriam largado as cargas no caminho e fugido para Mafumao.

O momento era muito critico. A mais pequena prova de fraqueza da minha parte e dos meus, far-me-hia perder todas as fazendas. Era pois necessario conter em respeito o inimigo, apesar de não poder contar senão com os caçadores. Os outros de pouca allam, posto que armados de tras azagaia cada um. Não tinham rodela; portanto era como se estivessem inermes.

(Continúa)

OS REPUBLICANOS SOCIAES

A ornithologia australiana leva-nos de surpresa em surpresa, n'este caso estão os costumes dos placeides.

Os placeides são pardaes muito communs nas regiões intertropicaes, que foram cognominados tecelões, por causa da arte maravilhosa que elles tem para construir seus ninhos. Estes de que

tratamos são os republicanos sociais ou socialistas (como diriam os doutorinaes), a respeito dos quaes Le Vaillanx, A. Surin e W. Paterson, tão bonitas cousas tem contado.

Republicanos sociais! diabo! isto vale a pena observar, abim de que é facil pois que aos milhares.

O republicano social assemelha-se bastante ao papagaio; elle é elazento, ou castanho escuro, ondeado de preto, e tem desenhos centimetros de comprimento, dos quaes, seis do cauda. Na Africa meridional onde elle pullula, e aloca-se de preferencia sobre as sensidivas; na Australia elle parece affeição-se ás florestas d'arvores com gomma.

Elle é phalausteriano e gasta toda a sua intelligencia, toda a sua actividade na construcção da sua habitação, que é menos um ninho do que uma commuidade.

Este ninho é suspenso de uma rama da arvore; um massigo d'hervas serve-lhe de apoio, de esboço de fundação; em volta d'este massigo cada familia edifica a sua habitação que se compõe de cellulas de dez a doze centimetros de diametro. Os casados sem filhos não tem senão uma cellula, os outros, occupam duas, tres ou quatro, segundo o numero de membros de sua familia. Estas habitações são feitas de forma que todas se communicam por aberturas e corredores.

O edificio para o qual oito ou novecentos republicanos tem trabalhado, é recoberto por um vasto tecto, semelhante a um tecto de colmo, que o colloca ao abrigo da chuva, e por baixo do qual são feitos sbucacos redondos servindo ao mesmo tempo de entradas e de ventiladores. Os materiaes com que é construido são hastes de hervas flexiveis entrelaçadas, trançulas, tecidas e agglutinadas pela saliva do passaro, com pequena rama e raizes. A sua posição e construcção são taes, que os seus habitantes estão alli como se estivessem n'um forte inacessivel, donde elles podem desafiar as serpentes, os carnivoros e todos os rapinantes do ninhos.

Alguns tecelões, para augmentar as suas defesas, revestem o ninho de cavallinhos de frisa e de espinhos, com a ponta voltada para fóra.

Augmentando o phalaustero a cada postura, ajunta-se uma ou duas galerias á edificação para alojar os recém-nascidos, com os quaes têm o maior cuidado.

Quando é de mais o numero d'annuncios que se lhe tem juntado e que se torna excessivamente pesado ameaçando partir o ramo ao qual se acha suspenso e cair, abandonam-no então.

Quando um ninho em construcção parece de-feitudo aos engenheiros republicanos encarregados da inspecção dos seus trabalhos, ainda mesmo que estivesse quasi terminado, deixam-no, e os mal operarios que lhe prodigaram suas fadigas vão corajosamente recommençar n'outra parte um outro, que o'esta vez será edificado segundo as regras da arte.

E' sempre uma maravilha um destes ninhos que fazem consumir de chame os paragaosinhos que vem frequentemente batallar com os republicanos para lho tomarem e installarem-se nelle.

Tendo-se examinado o interior de um destes ninhos, encontraram-se-lhe quatrocentas e vinte e duas cellulas atapetadas d'hervas tecidas, e de uma solidez e regularidade inacreditaveis!

Uma legenda indiana diz que estes encantadores passaros levam para a sua habitação bolas de barro e vidros reluzentes para se alumiarem.

Figurai-vos o que será um destes palacios de hervas trançadas com semelhante iluminação a giorno, n'uma noite de recepção, quando cada um está em sua casa!... Ah! que admiravel é o pequeno mundo!

Ha portanto um detalhe na vida do tecelão, que é para lamentar: o republicano social é polygamo, elle tem muitas mulheres!

Este facto escandaloso prova-se porque, entre os republicanos sociaes que se encontram, as fêmeas são quatro vezes mais em numero do que os machos.

Montesquieu escreveu que a polygamia era uma questão de clima; entretanto parece que um republicano social, sob os tropicos como nas zonas temperadas, deveria dar o exemplo dos bons costumes.

E' esta uma descoberta que faz com que sem pezar, não obstante as suas maravilhas, possamos saborear — os republicanos sociaes!

Homageso referens!

A. D.

ATTENUANTE

A VALENTIM MAGALHÃES

Eu tento o grande amor dos lyricos antigos,
Essa paixão fatal que dominou outrora
Os bardos ideaes de grande voz canora,
Que encravam canções por baixo dos postigos.

Embebda-me a luz fresquissima da aurora,
Apezar de apprehensões dos meus fieis amigos
Que dizem não haver maiores inimigos
Que a fantasia, a luz e a musica sonora.

E vou vivendo assim extravagante e prodigo,
Calcando as auras leis tyrannicas doCodigo
Que a amizade aconselha e o cerebro dispensa.

Mas, para attenuar a falta que eu commetto,
Despejo o mau amor na taça de um soneto
Que esmaga em plumbao typo a maquina da im-
[prensa.

F. D'ALMEIDA.

REVISTA COMMERCIAL

PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1879

CAMBIO:

O mercado de cambio conservou-se durante a quinzena muito firme, mas pouco activo, fechando inteiramente paralisado, devido á falta de transacções em café, como por não haver tomadores ás taxas que os Bancos estabelecram, e foram as seguintes:

Sobre Londres	23 d/ a	90 d/v
» Paris	414 por fr.	» »
» Hamburgo	516 » m.	» »
» Portugal	233 a 3 d/v	

Insignificante foi em geral durante a quinzena o movimento da Bolsa, regulando os extremos das cotações, como segue:

METAS:

	Preços extremos—De venda—De compra—Negociado
Maximo	11\$000 10\$920 10\$800
Minimo	10\$800 10\$740 10\$600

FUNDOS PUBLICOS:

Aplicações	(Geraes de 6 %)	Maximo.	1:031\$	1:029\$	1:029\$
		Minimo.	1:030\$	1:026\$	1:027\$
		Empréstimo Na-	97%	95%	—
		cional de 1879) Minimo.	96%	93 1/2%	—

LETRAS HYPOTHECARIAS

Banco do Brasil	(2 c.)	Preço minimo	—	84%	—
	(11 c.)	»	»	89 1/2%	86% 88%
	Predial.....	»	»	77%	76% 76%

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos:

Brasil.....	Preço minimo	264\$000	260\$000	—
Commercial..	»	211\$000	—	203\$000
Commercial..	»	193\$000	—	—
Industrial...	»	214\$000	203\$000	205\$000
Mercantil de Santos...	»	—	195\$000	—
Predial...	»	125\$000	120\$000	120\$000
Rural...	»	240\$000	233\$000	240\$000

COMPANHIAS D'ESTRADA DE FERRO

Leopoldina...	Preço minimo	204\$000	200\$000	—
ditas (obrigações de preferen-	»	»	»	»
cia).....	»	208\$000	206\$500	207\$000
Macaé e Campos...	»	68\$000	60\$000	—
S. Paulo e Rio de Janeiro.	Preço minimo	190\$000	175\$000	—
ditas (com direito a subsidiarias	»	»	200\$000	—
Sorocabana.	(Deb. de £ 50)	»	82 %	—
(» » 100\$000)	»	»	61 %	56 % 60 %

COMPANHIAS DE BONDS

S. Christovam.	Preço minimo	290\$000	281\$000	295\$000
Urbanos(carros)	»	214\$000	205\$000	210\$000
Villa Isabel...	»	—	180\$000	—

GENEROS

Café: O mercado acha-se completamente paralisado, sendo os preços nominaes.

As entradas durante a quinzena regularam:

Media diaria.....	10.200	saccas
Durante a quinzena.....	153.000	»
Em igual periodo de 1878...	177.000	»
Despacharam-se, n'esta quinzena,	67.614	saccas no valor de Rs. 2.544.800\$400.
Em set 327.000 saccas.		

EMBARQUES DURANTE A QUINZENA

Canal, Norte e Mediterraneo.....	saccas	11.632
Estados Unidos.....	»	24.904
Differentes portos.....	»	5.106
Total—saccas		41.642

Assucar: O mercado continua na mesma posição da nossa ultima revista, pois os compradores vão-se sustendo com o genero das uzinas; entrou de Pernambuco cerca de 400 saccas, porém ainda não se vendem nenhum. Os mascavinhos e mascavos de Campos continuam a preços sustentados. Cotamos:

Branco, Engenho Central.....	360 a 305	por kilo
Mascavinho.....	230 a 250	»
Mascavo.....	160 a 240	»

Fumo: — O mercado fecha com apathia, mantendo-se a baixa que em nossas anteriores revistas temos registrado; no entanto, espera-se que comecar a melhorar no proximo mez de Janeiro. As entradas de fumos Goyano e Rio Novo têm sido mais do que regulares, escasseando as de fumos communs, dos quaes a existencia é muito limitada; é porém de presumir que as entradas das primeiras qualidades, que mencionamos, tendam a diminuir, em consequencia da quasi paralyssação em que se tem conservado o mercado de fumo.

Os mercados do Norte e Sul do Imperio continuam bastante suppridos, por falta de transacções, accrescendo que os do Norte não animam os especuladores em virtude dos exagerados impostos provinciaes. Quanto ao mercado do Rio da Prata, tem-se desenvolvido um pouco mais o movimento; os preços, porém, não são firmes attendendo á grande existencia que alli ha.

O mercado fecha com as seguintes cotações:

Goyano.....	por kilo	1.300 a 1.600
Rio Novo.....	»	900 a 1.600
Commum.....	»	500 a 800

Toucinho: O mercado acha-se bastante supprido do regular, de Minas, havendo falta do superior. A procura é actualmente diminuta, pelo que, com quanto as entradas sejam pequenas e os preços firmes, pouca probabilidade ha de alta. Não tem vindo ao mercado toucinho de S. Paulo. Cotamos, pois, o de Minas, de 460 a 660 por kilo.

Queijos de Minas: Mantem-se a mesma cotação de nossa anterior revista.

Aviso

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua 1.^a de Março n. 78, sobrado.

Recbem-se annuncios para a capa, ao preço de 50000 por cada oito centimetros de altura, ou 150000 por anno, para o mesmo espaço — como se vê dos dois insertos na capa d'este numero.

Typ. Cosmopolita, rua do Regente, 31